

BYUNG-CHUL HAN EM CENA: FORMULAÇÕES E DEFORMAÇÕES

BYUNG-CHUL HAN IN SCENE: FORMULATIONS AND DEFORMATIONS

Murilo Tiago Franco de Freitas¹

RESUMO

Este artigo descreve o processo criativo de construção do espetáculo teatral *Do pó ao pó*, o qual foi embasado no livro *Sociedade do cansaço*, de Byung-Chul Han. Perante a complexidade do mundo contemporânea, elaboramos um espetáculo multiforme, que se estruturou a partir das linhas narrativas de dois personagens: Adolfo e Evelyn, paródias de Adão e Eva. Desemprego, fracasso, precarização e meritocracia são alguns dos temas tratados na peça, a qual almejava ironizar a ideologia vigente. As concepções de Byung-Chul Han ganharam especificidades ao serem confrontadas com a realidade socioeconômica brasileira.

Palavras-chaves: Teatro. Trabalho. *Sociedade do Cansaço*. Byung-Chul Han.

ABSTRACT

This article describes the creative process of the play *Do pó ao pó*, which was based on the book *Sociedade do cansaço*, by Byung-Chul Han. Facing the complexity of the contemporary world, we elaborated a play with multiple forms, built from the storylines of two characters: Adolfo and Evelyn, parodies for Adam and Eve. Unemployment, failure, job insecurity and meritocracy are some of the themes of the play, that aims to mock the current ideology. Byung-Chul Han's ideas earn specificities when confronted with Brazilian socioeconomic reality.

Keyword: Theater. Work. *Sociedade do Cansaço*. Byung-Chul Han.

¹ Dramaturgo, diretor e arte-educador. Formado em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo. *E-mail*: murilotiff@gmail.com

1 INICIANDO O(S) ENSAIO(S)

Relataremos nas páginas que seguem particularidades do processo criativo teatral empreendido em 2018 no curso de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo pelo grupo Teatro da Fronteira – trabalho de conclusão de curso do então aluno Douglas Vendramini –, bem como do espetáculo que dele resultou (*Do pó ao pó*), o qual cumpriu temporada em dezembro daquele ano. Tal processo alicerçou-se teoricamente em concepções encontradas na obra *Sociedade do cansaço*, do filósofo Byung-Chul Han.

Os trabalhos criativos começaram em março, quando um grupo de artistas de variadas funções se reuniu em torno do questionamento: “é possível ter perspectiva de mudança, quando todas as circunstância apontam para o contrário?”. A pergunta demasiadamente vaga já antevia as dificuldades processuais que encontraríamos – a de fazermos escolhas objetivas –, mas, por outro lado, demonstrava a intuição do coletivo: embora não seja possível precisar quais eram as “mudanças” referidas na questão, nem as tais “circunstâncias que apontam para o contrário”, é viável concluir ao menos que nela *residia* um desconforto com relação aos tempos hodiernos, bem como o desejo de mudança. Uma coisa é certa: almejávamos tratar de temas com envergadura social e não somente restritos ao âmbito do indivíduo.

Posto isso, *Sociedade do cansaço* despontou como amparo teórico. O primeiro estágio do processo foi a *realização* de seminários para o entendimento do livro. Encontramos nas colocações de Byung-Chul Han o esteio que procurávamos para compreender o funcionamento da sociedade atual. Ensaios iniciados, a dificuldade passou a ser em como *dar forma* às ideias do filósofo (ou, no mínimo, em como concretizar a nossa apreensão delas, uma vez que não buscávamos ser fidedignos à obra). *Sociedade do cansaço*, dado o seu teor filosófico, mostrava-nos ser um conjunto de ideias generalizado (e impessoal, portanto), no entanto, o teatro exigia-nos *dar carne* às concepções de Byung-Chul Han, isto é, propor uma situação específica, com personagens elaborados². A obra do autor sul-coreano contém um panorama vasto do corpo social contemporâneo, no qual muitos conceitos se interligam. Era, portanto, indispensável realizar escolhas frente a esse material, entretanto isso nem sempre é tarefa simples quando existe uma equipe com experiências, anseios e orientações sociopolíticas distintas.

² Certamente que, sabendo-se que a arte (já há longo tempo) não necessita corresponder aos ideais miméticos, haveria outras possibilidades criatividades, contudo essas não foram as escolhas do grupo.

Poder-se-á notar nas entrelinhas deste ensaio, quando descritas as escolhas criativas do grupo de outrora, as concepções de Byung-Chul Han a respeito dos tempos correntes, a saber: de uma sociedade composta por sujeitos positivados, isto é, que não dependem de agentes reguladores externos a si (“patrão”, por exemplo), mas que internalizam o controle produtivo, resultando na “livre coerção de maximizar o desempenho”, nas palavras de Byung. A sociedade do cansaço, através de sua “violência exaustiva”, produz depressivos e fracassados; eis aí alguns dos “sintomas” *perseguidos* por nós ao longo do decurso criativo.

2 DO PÓ AO PÓ: LINHAS E RUPTURAS

2.1 TEMPOS MULTIFORMES

O livro *Teoria do drama moderno* do estudioso literário Peter Szondi dá a saber que também as formas artísticas têm suas *crises* quando não conseguem *elaborar* aspectos da sociedade de sua época. Deste modo, as transformações de cunho social, histórico e cultural também exigem mudanças nas formalizações estéticas.

Por conseguinte, na tentativa de capturar a envergadura global e a diversidade de temas oriundos dos estudos de *Sociedade do cansaço*, criamos um espetáculo multiforme. O resultado foi *Do pó ao pó*, o qual continha algo de dança, *stand up*, canções, coralidade e humor. Já no prólogo – composto por um texto e uma canção – era notória a tentativa de criar uma contextualização mundial e configurar a amplitude dos impasses atuais: “a massa de fuligem corta os pulmões/ o sol castiga sem dó,/ e no oceano, há uma imensidão de plástico”, diziam alguns de seus versos. Nele estavam presentes referências ao modo de vida hodierno, tais como, “*selfie*”, “som do noticiário”, “*fast food*”, “analgésico” e “depressão”.

A dramaturgia de *Do pó ao pó* era episódica, marcada por momentos que não se relacionavam (necessariamente) entre si a não ser pela temática. Havia uma linha narrativa, *empreendida* pelos personagens Evelyn e Adolfo, os únicos que permaneciam ao longo do espetáculo. Ambos provieram de uma *releitura* paródica do mito de Adão e Eva. As duas personas, em nossa versão, foram degredadas do paraíso para o mundo contemporâneo após comerem o fruto proibido. Eles eram, nos termos de Byung, “sujeitos do desempenho”, em busca de realização profissional e pessoal, mas cada qual com seu castigo correspondente (a princípio, pelo menos):

tal qual o mito bíblico, Adolfo foi penalizado com o trabalho, enquanto Evelyn sofreu a penitência da dor do parto. No entanto, ostracizados para a atualidade, os seus corretivos não permaneceram assim.

2.2 ENTRANDO NA LINHA DE EVELYN, A PROMOVIDA

As cenas de Evelyn eram, em sua maioria, feitas em interlocução direta com o público, em estilo de atuação que parodiava o *stand up* (incluindo as artificiais risadas de programas de auditório). Ela, às vésperas do parto de seu primogênito, relatava os seus inúmeros afazeres domésticos (e se pergunta quem havia ficado com o castigo do trabalho). Com a respiração de uma parturiente, anunciava que teria de procurar um trabalho para auxiliar na renda familiar. Sua próxima aparição ocorria em um programa de televisão, no qual estava concorrendo a uma vaga de emprego. A cena fundia elementos distintos, a saber: as provas de programa de auditório e as entrevistas de seletivas laborais, propondo que entre elas há um denominador comum – o mérito³.

FOTOGRAFIA 1 – Evelyn em cena



FONTE: O autor (2019)

Constrangida, Evelyn rasgava sua carteira de trabalho, pois na verdade havia ganhado algo mais significativo, segundo as apresentadoras: “a oportunidade de ser uma profissional autônoma, [...] de movimentar a economia do país”, pois “não tem

³ Sobre trabalho e televisão ver: *Rituais de sofrimento*, de Silvia Vianna, a respeito dos *reality shows* e do trabalho no capitalismo contemporâneo.

nada mais valioso do que a gente correr atrás do nosso sonho”, concluíam⁴. Para além de uma referência direta às precarizações trabalhistas, a cena objetivava “estranhar” a ideologia clichê da meritocracia ao contrapô-la à frágil situação da personagem. Ao ser interpelada sobre “um defeito seu”, a “positivada” Evelyn respondia: “eu não desisto” (e é comum ouvirmos quem reproduza a violenta ordem: “*nunca* desista de seus sonhos”).

Na sequência, Evelyn contava aos espectadores sobre sua atribulada vida – isto é, cuidados dos filhos, “bicos”, busca por trabalho, pensão alimentícia – e lançava, ao fim, uma “profecia autorrealizadora” (para utilizar o termo dos coaches): “as vingadoras vão lucrar”, ou em outras palavras, a personagem estava disposta a superar os homens por meio da demonstração de sua capacidade profissional. Na cena seguinte então ela colhia os *louros* de sua dedicação ao proclamar, já em “ritmo de festa”, sua promoção profissional e as benesses materiais adjuntas: poderia agora comprar um “celular novo para checar seus *e-mails* o tempo todo”, assim como conseguiria adquirir um vasto “pacote de canais televisivos por assinatura, para quando eu chegar em casa dormir antes de assistir”. A equiparação de gênero via (somente) mercado mostrava-se, desta maneira, insuficiente, ainda mais se justamente as mulheres fossem impelidas a conquistarem a *igualdade* por meio de seus desempenhos.

2.3 ENTRANDO NA LINHA DE ADOLFO, O FRACASSADO

O profissional autônomo Adolfo possuía algo de clownesco. É popular o número circense em que o palhaço, achando-se esperto, abaixa-se da escada que o atingiria e, enquanto vangloria-se de seu feito, a escada, girando em sentido contrário, atinge-o pelas costas. Assim também era a relação do público com Adolfo: os espectadores anteviam a sua tragédia, a despeito de sua animação em ser bem-sucedido. Com isso, almejávamos criticar os discursos de “empoderamento” individuais, os quais atribuem de forma simplista os méritos galgados somente ao esforço pessoal, sem levar em conta as condicionantes socioeconômicas e históricas.

Adolfo esqueceu-se de que o trabalho era para ele castigo (ou, no limite, tentava esquecer). Posto na informalidade, ele precisava desdobrar-se entre muitos

⁴ O gesto de rasgar a carteira de trabalho pode soar demasiadamente “panfletário”, porém ainda não foi o suficiente para superar o cinismo da publicidade: certa propaganda do grupo Santander Brasil chegou a anunciar mostrando a “vermelhinha” (máquina de cartão de crédito e débito): “esta é sua nova carteira de trabalho”.

trabalhos e *evadir-se* do desemprego (aliás, em suas palavras, ele não encontrava-se desempregado, mas sim “entre um trabalho e outro”). Em sua primeira cena, Adolfo retornava exausto a sua residência para o repouso noturno, carregando *sisificamente* o fardo de sua maleta, mas nem bem fechava os olhos e era acordado pelo (insuportável) barulho do despertador de seu celular. O coro de atores adentrava a cena, a fim de expulsá-lo para mais um dia de “labuta”, cantando *Sinfonia paulistana*, de Billy Blanco (imortalizada como a abertura do *Jornal da Manhã*, da rádio Jovem Pan).

Em seguida, Adolfo comparecia à palestra de um *coach*, o qual continha algo de pastor neopentecostal (desses de estirpe carismática, que produzem o “show da fé”). Essa fusão não era arbitrária: tais profissionais (*coaches* e pastores carismáticos) costumam utilizar-se de vocabulários similares – por exemplo: “fé”, “crença” e “superação” – e apostam no indivíduo como força motriz para o *milagre* da abundância (econômica, que fique claro). Tudo, segundo eles, é uma questão de “acreditar” e depende somente de “esforço”. Se Max Weber estabeleceu as relações históricas entre a *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, pela valorização do trabalho, Walter Benjamin, por seu turno, *profetizou* o *Capitalismo como religião*, dado as suas características de apelo ao culto e de produção de dívida e culpa. Adolfo, na plateia, era selecionado para passar por um *coaching*: aprendia a agir com postura aguerrida e anunciar seu nome como um vencedor (mas no fundo despertava o riso dos espectadores).

FOTOGRAFIA 2 – Adolfo em sessão de *coaching*



FONTE: O autor (2019)

Também Adolfo foi *ao ar* em um programa televisivo. Sua aparição ocorria em comparação a de outro convidado: o Oráculo, “*digital influencer* e especialista em previsões financeiras”. Se este personagem era o *case* de sucesso para a atração da *TV*, aquele era o de fracasso. Adolfo era constantemente interrompido e inferiorizado, enquanto o Oráculo fazia seu discurso *nonsense* a respeito da economia. Na sequência, Adolfo, ao deparar-se com uma criança em um vagão de trem, tinha uma epifania e optava por uma nova empreitada: procurar alegria e a satisfação no trabalho⁵. Ironicamente, em sua próxima cena, ele aparecia vestindo uma fantasia de “ursão”: tornara-se *animador* de crianças. Fora contratado pela Necrozania⁶, cuja recriadora infantil cuidava de ensinar alguns *valores* da esfera corporativa aos pequenos (honestidade, trabalho em equipe, resiliência), assim como em incitar a concorrência entre eles. Ali, a *gratuidade* da brincadeira era suprimida em detrimento de um processo de “adultização”. Por fim, Adolfo permanecia estatelado no chão dentro de sua *fantasia*, vencido pelo cansaço e pelo desânimo.

FOTOGRAFIA 3 – Necrozania



FONTE: O autor (2019)

⁵ “Trabalhe com o que você ama e nunca mais trabalhará em sua vida”, diz a frase propagada popularmente, com seu teor “motivacional”, demonstrando que trabalho e “amor” nunca estão juntos. Se há “amor”, já não há trabalho.

⁶ A cena parodiava a Kidzania, que, segundo seu site, “é uma das marcas de entretenimento para crianças que mais crescem no mundo”. “É uma cidade em escala infantil”, com 50 profissões disponíveis e com uma moeda própria – a KidZos –, que visa ensinar aos menores “conhecimento financeiro” (incluindo a possibilidade de abrir uma poupança pessoal com juros de 2% ao mês, recebendo seu próprio cartão bancário). Disponível em: <<https://saopaulo.kidzania.com/pt-br>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

2.4 CENAS DE/EM EMERGÊNCIA

As linhas narrativas de Adolfo e Evelyn se intercalavam ao longo de *Do pó ao pó*. E, entre elas, outras cenas emergiam, as quais visavam complementar o debate proposto pelas primeiras, dando um panorama abrangente sobre o tema (e até mesmo abstrato), que excedia as perspectivas dos dois personagens. Nas denominadas “travessias”, os atores cruzavam as diagonais do palco, por vezes com os corpos em queda: simbolizações da *sociedade do cansaço*. Já nas “vinhetas”, os atores *montavam* o cenário – de maneira gradualmente mais rápidas conforme o passar da apresentação – e, desta forma, fazíamos referência ao trabalho (artístico) que *realmente* estava sendo executado naquele momento. Esse cenário era formado por cubos prateados, que geravam narcísicos reflexos.

As músicas, por sua vez, exerciam funções dramáticas diferentes: *Sinfonia paulistana* era o *ditame* de “sujeitos do desempenho” para Adolfo (que naquele momento parecia “fraquejar” e entregar-se ao cansaço). Já as músicas – e também os textos – do prólogo e do epílogo representavam a *voz* do grupo, expressando nosso ponto de vista a respeito do que havia sido mostrado. Há ainda uma cena não descrita: a da morte do touro, símbolo da aceleração e da violência⁷. Após a promoção de Evelyn, os atores festejavam – tal como em uma *rave* – sob o efeito de luzes estroboscópicas e de música eletrônica, bradando: “nunca mais eu vou dormir”⁸. O que a princípio era festa tornava-se ininterruptas sequências de movimentos repetitivos. Era dessa sucessão de acontecimentos que provinha o texto narrativo que decretava a morte do touro.

Em suma, esses episódios – principalmente o do touro – revelavam a *emergência* do grupo em tentar sugerir alternativas, a fim de não *cairmos* em um pessimismo paralisador. Certamente, foram tentativas ingênuas frente a complexos problemas conjunturais. Se a cena simplesmente *resolve* os problemas do mundo, não deixará de impulsionar o espectador a desejar a transformação?

⁷ O *Charging Bull*, de Wall Street, e a *Red Bull* são demonstrações desse arquétipo.

⁸ Tal frase foi criada durante os ensaios e refletia o estudo que fazíamos de *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*, de Jonathan Crary.

3 NOS FINS DAS LINHAS, ABAIXO DO EQUADOR: REFLEXÕES ULTERIORES

Provocados pelas formulações de Byung-Chul Han em *Sociedade do cansaço*, e perante a complexidade do mundo contemporânea, elaboramos um espetáculo multiforme. Desemprego, fracasso, excesso de trabalho, insatisfação profissional, precarização, meritocracia e análise do trabalho pelo viés de gênero são alguns dos temas tratados em *Do pó ao pó*. Ainda nos resta dúvidas a respeito da recepção dos espectadores diante do hibridismo de linguagens e de temas: o que de fato essa fusão operava?

Através da análise retroativa, foi possível compreender que investigamos correspondências entre as ideias de Byung e expressões mais imediatas de nosso cotidiano, como referências da cultura de massa e manifestações do “senso comum”. Isso possivelmente ocorreu em decorrência de alguns fatores: 1) pelas ideias massivamente difundidas irem ao encontro do princípio de maximização do desempenho 2) por esses materiais serem passíveis de rápido reconhecimento coletivo, auxiliando na tradução do pensamento filosófico (abstrato) para a concretude da cena, e 3) por não desenvolvermos ostensivamente procedimentos outros – por exemplo, a “pesquisa de campo” ou o estudo de objetos artísticos (da literatura ou do cinema, por exemplo) – que gerariam materialidades criativas distintas.

Creemos que *Do pó ao pó* foi eficaz em ironizar a ideologia vigente, no que concerne principalmente ao trabalho, gerando “estranhamento” – ao modo *brechtiano* – daquilo que se encontra naturalizado. O caráter mítico do conteúdo bíblico em que nos embasamos colaborou para certo *afastamento* do prosaico. Sentimos ainda que as linhas narrativas de Adolfo e Evelyn (tal como estavam) não foram suficientes para conclusões mais elaboradas acerca do funcionamento social, mas que, quanto mais não sejam, geraram apontamentos sobre um conjunto de “sintomas” hodiernos.

Entendemos que o pensamento de Byung-Chul Han foi *deformado* ao entrar em contato com a realidade brasileira. Mais que simplesmente uma “cor local”, a ele foram adicionadas atribuições específicas que correspondem às particularidades socioeconômicas brasileiras. Adolfo não foi, por exemplo, um personagem que *exclusivamente* buscou o “desempenho”, mas sim que procurou o “desempenho” estando desempregado; ou ainda, Evelyn não foi uma persona que *unicamente* gastou seu tempo de modo animoso com o labor, porém foi uma figura que trabalhou em tempo integral, sendo mãe “solteira” e tendo de realizar diversas ocupações, com o intuito de angariar a renda satisfatória para seu sustento.

Por fim, compartilhamos dúvidas surgidas a partir da experiência artística aqui descrita com relação à *Sociedade do cansaço*: dado o subdesenvolvimento brasileiro, não estaria latente a contradição entre realidade e aparência e, portanto, entre *ser* positivado e *parecer ser* positivado? A desigualdade econômica não seria um fator de acirramento das relações coletivas e produtora de *movimentos* que não sejam exclusivamente o do “desempenho” individual, havendo, assim, negatividade? Não seria, assim, a “positividade” algo relacionado aos sujeitos incluídos na sociedade urbana de consumo, pertencentes a estratos mais favorecidos financeiramente, com maior manifestação nos ambientes corporativos? Em suma, é pertinente também nomear a faina pela subsistência de “desempenho”?

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.

CHUL, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SZONDI, Peter. **Teoria do drama moderno**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

VIANA, Silvia. **Rituais de sofrimento**. São Paulo: Boitempo, 2013.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

